



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA - UNILAB**

INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS - IHL

BACHARELADO EM HUMANIDADES

BRAIMA SEIDI

AFROCENTRICIDADE: NOVAS NARRATIVAS SOBRE A HISTÓRIA DA ÁFRICA

São Francisco do Conde

2016

BRAIMA SEIDI

O presente trabalho de conclusão do curso é apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharelado em Humanidades na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB.

Orientador: Prof. Dr. Cleber Daniel Lambert da Silva.

São Francisco do Conde

2016

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

S46a

Seidi, Braima.

Afrocentricidade : novas narrativas sobre a história da África / Braima Seidi. -
2016.
48 f.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da
Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2016.

Orientador: Prof. Dr. Cléber Daniel Lambert da Silva.

1. África - História. 2. Afrocentrismo. 3. Asante, Molefi Kete, 1942- - Crítica e
interpretação. 4. Cosmopolitismo - África. I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 960

BRAIMA SEIDI

AFROCENTRICIDADE: NOVAS NARRATIVAS SOBRE A HISTÓRIA DA ÁFRICA

O presente trabalho de conclusão do curso é apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharelado em Humanidades na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB.

BANCA EXAMINADORA

Prof. orientador Dr. Cleber Daniel Lambert da Silva (UNILAB)

Profa. Dra. Elízia Ferreira (UNILAB)

Prof. Dr. Marcos Lopes Carvalho (UNILAB)

São Francisco do Conde ao 29 de Novembro de 2016

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer a Allah, por me levantar todas às vezes que cai e por me atender todas as vezes que pedi. Por sempre iluminar meus caminhos, me dando força para seguir na luta diária.

A minha pequena e grande família que é a razão desta vitória. Gostaria de dedicar a toda família sem exceção e dizer que graças a vocês, eu consegui vencer, uma vitória de todos nós! Os quais são minha base, em especial ao meu pai Umaro seidi e a minha mãe Cadijatu Baldé, sou o que sou hoje graças a vocês. Aos amigos (a) e colegas de curso, obrigado pelo companheirismo e força nos últimos dois anos. E deixar registrado também um agradecimento especial ao meu irmão Suleimane Seidi e a sua esposa Manuela Fernandes pelo incentivo.

Agradeço ao meu orientador Cleber Daniel Lambert da Silva, por todas as oportunidades dadas ao longo do curso. Pela dedicação, paciência e confiança durante a realização deste trabalho. Agradeço mais ainda por todo conhecimento que adquiri durante todo esse tempo, a Universidade da integração internacional da lusofonia afro-brasileira e, em especial ao Instituto de humanidades e Letras. A todos os professores (a), por todos os seus ensinamentos.

Aos amigos que sempre se mantiveram por perto durante esse período, que já eram e se tornaram amigos de toda vida: Baticã Mané, Alassana Dem, Danilson Veiga, Suleimane Bá, Calido Mango, Bernarto intipe, Daniel Tchuda, Beatriz Bastos, Sandra Nancassa, Carol Teixeira, Itelvina Fernandes, Luís Utinco, Lenira Gonçalves, Noemia Monteiro, Fanta Jau, Sara Salvaterra, Rafaela Bacelar, Emilly veloso e Agostinho da Silva.

E a todos, os meus familiares e amigos, que ao longo de tantos anos, de forma direta ou indiretamente, foram colaboradores desta realização, que sempre estiveram ao meu lado, mostrando oportunidades de crescimento e colaborando nas minhas conquistas profissionais. A todos e todas, muito obrigado!

RESUMO

Este trabalho foi desenvolvido após a minha participação de projeto de pesquisa práticas cosmopolíticas do ponto de vista Geofilosófica: Identidade, Alteridade e Relação. O principal objetivo deste trabalho é propor a análise e identificação das diferentes trajetórias dos estudos sobre a África a partir das perspectivas afrocentricas, na qual analisamos também a questão do recentramento cosmopolítico a partir das concepções afrocêntricas “problemática da alteridade como política no mundo”. Analisámos com maior interesse os textos do pensador estadunidense Molefi Asante, mas a nossa análise principal se baseou mais no ensaio “Afrocentricidade: Notas sobre uma posição disciplinar” (2009).

Palavras-chave: Resgate Histórico. Recentramento cosmopolítico. Afrocentricidade

ABSTRACT

This work was developed after my participation in research project comopolitical practices from the point of view Geophysical: Identity, Alterity, and Relation. The main objective of this work is to propose the analysis and identification of the different trajectories of the studies on Africa from the afrocentric perspectives, in which we also analyze the question of cosmopolitical rephrasing from the afrocentric conceptions "problematic of alterity as politics in the world". We looked more closely at the texts of the American thinker Molefi Asante, but our main analysis was based more on the essay "Afrocentricity: Notes on a Disciplinary Position" (2009).

Keywords: Historical Redemption. Cosmopolitic. Refocus. Afrocentricity.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
1 INTRODUÇÃO	11
2 CAPÍTULO I – APRESENTAR ALGUNS PENSAMENTOS TEÓRICOS QUE ANTECEDERAM PARADIGMA AFROCENTRICO	13
2.1 ANTECEDENTES TEÓRICOS DO PARADIGMA AFROCENTRICO	14
2.2 ÁFRICA COMO BERÇO DA HUMANIDADE	18
2.3 ÁFRICA COMO BERÇO DA CIVILIZAÇÃO	29
2.4 A NECESSIDADE DO RESGATE HISTÓRICO DOS POVOS AFRICANOS	21
3 CAPÍTULO II – EXPOSIÇÃO DO PRÓPRIO PARADIGMA AFROCENTRICO	27
3.1 RECENTRAMENTO COSMOPOLÍTICO A PARTIR DE MOLEFI ASANTE	27
3.2 AFROCENTRICIDADE COMO PARADIGMA	31
3.3 O QUE ESPERAR DE AFFROCENTRICIDADE	37
3.4 FILOSOFIA VERSUS ÁFRICA	38
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFÊRENCIAS	44

APRESENTAÇÃO

O trabalho de conclusão do curso ora apresentado é ao mesmo tempo continuidade, desdobramento e aprofundamento de uma pesquisa teórica realizada no quadro do plano de trabalho de iniciação científica intitulado “Cosmopolítica de Alteridade a partir de Molefi Asante”, realizado no quadro do projeto de pesquisa “Práticas cosmopolíticas do ponto de vista geofilosofica: Identidade, Alteridade e Relação” (PIBIC/Unilab - 2015/2016), Coordenado pelo Prof. Dr. Cleber Daniel Lambert da Silva.

Antes de mais nada, faremos um breve relato sobre o contexto de formação acadêmica em meio ao qual este trabalho surgiu. Durante um ano de pesquisa conseguimos alcançar um dos objetivos que era a partir do plano de trabalho de iniciação científica retirar um tema de trabalho da conclusão do Curso. Portanto, graças a isso surgiu o interesse de continuar a trabalhar com essa temática para o nosso trabalho de conclusão do curso de Bacharelado em Humanidades. Ao longo do curso abordamos várias temáticas sobre a filosofia, que antes não tivemos suficientemente a ocasião de tomar contato e discutir no meio acadêmico tradicional, nesse caso, a filosofia africana e latino-americanas que, do nosso ponto de vista, não se faziam presentes na nossa formação anterior em Guiné-Bissau. Durante todo o nosso percurso acadêmico tivemos um contato amplo com a filosofia. No entanto, as discussões limitavam-se às fronteiras do pensamento filosófico ocidental.

Ao longo dos meus cursos fiz referências à tradição islâmica e ao afroprespetivismo, e as filosofias Africanas. Ao mesmo tempo, dedicamo-nos à compreensão de como se construiu a narrativa filosófica ocidental, a fim de, a partir desse entendimento, desconstruí-la e eventualmente nos servirmos de alguns de seus elementos e conceitos de acordo com nossas próprias problemáticas, a partir da leitura geofilosófica que é a nossa. Com efeito, como afirmam Deleuze e Guattari (1995, p. 40) " (...) quando um filósofo critica um outro, é a partir de problemas e de um plano que não eram aqueles do outro, e que fazem fundir os antigos conceitos, como se pode fundir um canhão para fabricar a partir dele novas armas. Não estamos nunca sobre o mesmo plano. Criticar é somente constatar que um conceito se esvanece, perde seus componentes ou adquire outros novos que o transformam,

quando é mergulhado em um novo meio. Mas aqueles que criticam sem criar, aqueles que se contentam em defender o que se esvaneceu sem saber dar-lhe forças para retornar à vida, eles são a chaga da filosofia. São animados pelo ressentimento, todos esses discutidores, esses comunicadores. Eles não falam senão deles mesmos, confrontando generalidades vazias". Entendemos que caímos na mera retórica e lutamos contra moinhos quando pensamos ser gigantes (Dom Quixote!). Pudemos perceber que as filosofias (a) poderiam ser pensadas a partir das localidades ou seja, dos territórios porque uma breve reflexão permite constatar que aquilo que é considerado como filosofia tem sido centralizado somente em duas perspectivas, do ponto de vista do Ocidente e dos Estados Unidos. Nesse contexto, concordaríamos com o pesquisador da filosofia africana e professor da UFBA, Eduardo Oliveira, quando o mesmo, em minicurso ministrado na faculdade de filosofia desta mesma universidade¹, afirmou: "a filosofia tem que partir das nossas realidades, ou seja, podemos fazer a filosofia a partir daquilo que nós conhecemos e vivenciamos". Partindo desses princípios, começamos a analisar como as filosofias são produzidas nos países africanos e diaspóricos e a partir da (s) Africa (s) /Africanidades. Entendemos que todos que lidam com a filosofia se tratam de mesmos autores e filósofos. Esse estado de coisas se reflete na formação escolar já que todo o processo de ensino é voltado para o exame da história da filosofia Ocidental. Desse modo acreditamos que é necessário promover de maneira crítica o processo de descolonização da própria filosofia. Com efeito, como afirma o pensador decolonial Nelson Maldonado Torres "a independência é absolutamente diferente da descolonização", ou seja, é preciso diferenciar o processo de independência no plano formal da política da descolonização como "processo permanente" (VIVEIRO DE CASTRO, 2009), de desconstrução das estruturas de colonialidade presentes na filosofia, no ensino, na cultura, nas artes, na política, na economia e etc. Os países Africanos conquistaram a independência formal, mas o processo de descolonização permaneceu inacabado, porque alguns países africanos ainda continuam vivendo à margem da educação, tecnologia, arte e ciência do ponto de vista dos colonizadores. Na perspectiva dos autores afrocentristas, e que será a nossa ao longo desse trabalho, é chegada a hora de promover a agência dos povos africanos a fim de alcançar a dependência africana, onde os mesmos vão atuar

¹ Mini-curso promovido pelo centro academico da filosofia de UFBA, no quadro da comemoração do dia nacional da "consciencia negra" que decorreu nos dias 17 a 19 de setembro de 2015.

como sujeitos e agentes sobre a sua imagem cultural em detrimento dos seus interesses próprios. Por isso é importante promover o processo de recentramento dos povos africanos e da sua diáspora em sua própria realidade, ou seja, no lugar do negro-africano.

As leituras e análises realizadas ao longo do trabalho de iniciação científica nos levaram a colocar um novo questionamento onde nos passamos a trabalhar com outra problemática “Afrocentricidade”, Ao longo dessa pesquisa, realizamos leituras de trabalhos afrocêntricos e análises de alguns de seus principais conceitos cujos resultados apresentamos no presente trabalho. A problemática desenvolvida nesse trabalho de conclusão do curso pode ser resumida de seguinte maneira, “Novas Narrativas sobre a História da África a partir das perspectivas afrocentricas”, a qual nós estamos apresentando as leituras feitas no base dos trabalhos afrocêntricos, porque para os quais, é necessário entender a situação de pesquisa para depois se intervir de maneira adequada. Importante destacar que, com respeito à literatura, à história, à economia e ao comportamento africano, os autores eurocentricos sempre colocaram África em um lugar inferior. Analisamos esse fatores e que agora é preciso corporificar, concretizar através da escrita, as quais reiteramos como tema principal do projeto de trabalho da conclusão de curso. De mesmo modo, foi Analisado alguns autores que sustenta esse paradigma intelectual “Afrocentricidade” em especial o pensador estadunidense Molefi kete Asante, como ele contribuiu nesse novo paradigma. Essa teoria defende que é necessário acreditar na auto-afirmação dos Africanos, a condição dos africanos no continente e no mundo, as fontes da nossa atual condição devem ser ligadas diretamente a nosso falso conhecimento da nossa história, porque não sabemos o que nós somos, porque somos ensinados falsas informações sobre nós mesmo. Portanto, é preciso organizar, essa organização pode ser desenvolvida em diferentes setores, principalmente no modo de produção dos conhecimentos e essa organização vai justamente centralizar na base das realidades e das experiências dos ancestrais “Africanos e afro-diaspóricos”. Asante defende que a organização não deve ser nacional ou regional, mas sim, uma organização internacional, para qual a *União Africana* pode fazer uma grande diferença enquanto a maior organização que alberga todos os países africanos e de mesma forma tentar incorporar toda a sua diáspora.

Com este trabalho da conclusão de curso de Bacharelado em Humanidades esperamos contribuir para o desenvolvimento na produção de conhecimento sobre os povos africanos, a partir das novas narrativas sobre a história africana que partiu da perspectiva afrocêntrica.

1 INTRODUÇÃO

Vivemos atualmente, na universidade da integração internacional da lusofonia afro-brasileira, um momento rico em discussão das relações entre África e o resto do mundo, o que engrandece a nossa convivência e abre novas janelas de percepção, sensibilidade e subjetividade no âmbito universitário. Isso contribui para formar novos e novas protagonistas do discurso acadêmico. De certa forma isso significa desafiar o monopólio do poder de delimitação dos campos de conhecimento exercitado desde sempre por uma elite ou seja, uma pequena porção das pessoas que detém o poder em relação aos oprimidos. Assim esperamos abrir mais perspectivas da inovação e criatividade com o mundo Africano, por exemplo, no campo da produção dos saberes.

O termo “Africano” é cerne de afrocentricidade e cada autor atribui a esse termo seu próprio significado. A definição de "africano" tem sido, ao longo dos séculos, definida a partir da perspectiva eurocêntrica que incorporava a cor da pele como uma característica essencial. De acordo com Thobani Mhlongo (2013), quem afirma ser um africano é um africano. Para o Asante, o africano é aqueles que "participaram da resistência de quinhentos anos à dominação europeia do continente africano". Para o mesmo, o fato de morar ou nascer na África isso não lhe atribuiu o papel de africano, mas sim, aquele que luta pelas causas africanas e reivindica sobre os valores africanos, esse sim é o africano. A definição de "africano" de Asante é baseada na afrocentricidade, que se concentra no deslocamento cultural, “noção que analisaremos mais tarde, ao longo desse trabalho”. Para Asante, a área geográfica não importa, isto é, seja um africano que vive no continente ou na diáspora, desde que se encaixe na definição acima concebida.

Afrocentricidade é uma proposta teórica do Molefi Asante (1980), professor titular do Departamento de Estudos africano-americanos da universidade de Temple, e foi idealizador e diretor do primeiro programa de doutorado em estudos afro-americano, criado na temple também em Filadélfia nos EUA, no final da década de 1980 (Nascimento, 2009, p. 80).

A afrocentricidade vem sendo elaborada em grande parte por estudiosos (a) oriundos da diáspora da fala inglesa como por exemplo, Mekada Graham, Reiland Rabaka, Wade W. Nobles, Charles S. Finch, Molefi Asante e etc. A proposta em torno de uma reorientação epistemológica, a partir do lugar e da perspectiva africana foi idealizada pelo Molefi Asante. Porém, o leitor ou leitora, vai encontrar reflexões em decorrer do texto sobre a teoria do conhecimento em relação ao tema em consideração. Principal questionamento dos afrocentricidade segundo Elisa Nascimento é se os padrões construídos pelo Ocidente constituem crenças ou conhecimento a respeito dos povos e culturas africanas e diásporas, de sua filosofia e experiência de vida.

Esse trabalho será desenvolvido em dois capítulos: Antecedentes teóricos do paradigma afrocentrico: apresentar alguns pensamentos que contribuíram para a formulação desse Paradigma afrocentrica. II- Apresentar o próprio Paradigma afrocentrico sua problemática a mais geral e alguns de seus princias conceitos tal como de agência e conscientização.

Isso dito buscará contribuir com o processo de descolonização, propondo uma leitura sobre uma das concepções filosóficas do mundo africano e afro-diaspóricos, qual seja o pensamento afrocentrico de Molefi Kete Asante.

Este trabalho será concluído a partir de algumas considerações acerca dessas análises, que apontam para um diferencial na sua leitura da afrocentricidade que se fundamentam na localização e re-localização psicológica, a autoconsciência e a centralização da África em busca de descolonização do setor intelectual com a finalidade de impressionar outras áreas da vida.

CAPÍTULO 2 - ANTECEDENTES TEÓRICOS DO PARADIGMA AFROCÊNTRICO

2.1 APRESENTAR ALGUNS ANTECEDENTES TEÓRICOS DO PARADIGMA AFROCENTRICO

A ideia chave é procurar algumas teorias a qual os afrocêntristas se utilizaram como base teórica para alimentar seus fundamentos, que foram defendidos principalmente pelo historiador Senegalês Cheick Anta Diop a qual os afrocêntristas utilizaram para sustentar algumas teses como por exemplo, África como berço da humanidade e da Civilização, a reconstituição científica da autêntica consciência da história africana e da humanidade e, por fim, onde o Diop salienta que os próprios africanos devem escrever as suas histórias. É um dos dados que impõem com força cada vez maior nos estudos interdisciplinares, Entendemos que é necessário conhecer a África para compreender a origem das primeiras civilizações e a formação do mundo antigo e contemporâneo. Isso no sentido de tentar contextualizar as teorias que antecederam esse novo Paradigma intelectual,

Segundo as nossas análises percebemos que as raízes mais profundas de afrocentricidade² estão localizadas no pan-africanismo que surgiu a partir do século XX. Entretanto, são diversos os enfoques intelectuais que influenciaram o paradigma afrocêntrico. Como diz Renato Junior, “muitos elementos estavam presentes em diversas autoras e autores como por exemplo: “W.E.B. Dubois, Anna Julia Cooper, Cheikh Anta Diop (...) Franz Fanon (...) Kwame Nkrumah, Malcom X, Amilcar Cabral, Walter Rodney, Ella Baker e Maulana Karenga” (NOGUEIRA, 2013, p. 1-17). Mas o Asante foi o responsável principal na sistematização do pensamento afrocêntrico como um paradigma. Onde o mesmo defende que os africanos não devem ser o objeto da narração de suas experiências. Pelo contrário, os africanos deveriam ser

² Gostaria de esclarecer a diferença entre afrocentrismo e afrocentricidade. Afrocentrismo nos remete a um dos a um dos maiores gênios do século 20, o físico historiador, antropólogo e egiptólogo senegalês Cheick Anta Diop (1923-1986). Por outro lado é importante destacar que no livro de George James “legado roubado”, trazendo um debate sobre a filosofia grega e ocidental como uma apropriação e “releitura” da filosofia africana, James e Diop são dois expoente do afrocentrismo. Afrocentricidade por sua vez, é uma abordagem acadêmica, mas, destaca uma perspectiva que se ocupa do conceito da “centralidade”; ou seja, a partir de que lugar as narrativas foram construídas a partir da África e dos africanos. Este pensamento foi sistematizado pelo Molefi Asante.

os sujeitos de seus próprios eventos, experiências e etc. essas questões que foram levantados pelo Cheik Anta Diop no século XX, hoje se constituem com maior força nos estudos interdisciplinares. Desse modo, é necessário conhecer a história africana para melhor compreender a origem das primeiras civilizações.

Cheikh Anta Diop (1923-1986) foi um pensador senegalês³, que estudou as origens da raça humana, e a cultura africana pré-colonial. Ainda hoje ele é considerado como um dos maiores historiadores africanos do século XX. As investigações de Diop constituíram o escopo de sua principal tese, a saber, aquela que concebe o Egito antigo como uma civilização composta por pessoas negras. Desse modo que vamos indicar algumas das principais conclusões do Diop. O mesmo acreditava que a luta pelo renascimento cultural e político da África não teria sucesso sem que se reconhecesse o papel civilizador do continente, que data da antiga civilização Egípcia. Diop mostrou a contribuição da África para com a civilização. Segundo o mesmo estas contribuições teriam-se dado em diferentes dimensões: na escrita, ciência, (matemática, astronomia, medicina, ...), artes, arquitetura, literatura, filosofia e etc. O mesmo destaca a importância da denúncia da falsificação moderna da história,

A consciência do homem moderno pode fazer o progresso só se for determinado a reconhecer explicitamente os erros, interpretações, científicos, mesmo na área sensível da história, para inverter as falsificações mais monstruosas do que a humanidade já sido culpados, enquanto pedindo a vítima para esquecer para melhor seguir em frente “Diop. p. 12).

A partir do século XX começaram a surgir novas paisagens políticas e ideológicas nos horizontes africanos que tinham uns papéis principal, reivindicar o reconhecimento da importância da África para com a humanidade, nesse caso, desmistificando a ideia eurocentrica dando lugar ao afrocentricidade. Portanto, desde século XX para cá, foram tantos movimentos e organizações “Pan_africanismo, Negritude, união africana, afrocentricidade e etc”, que foram criados com o propósito de desconstruir os olhares racistas e as imagens negativas

³Cheikh Anta Diop (1923-1986) foi um Intelectual Senegalês formado em Física, Filosofia, Química, Lingüística, Economia, Sociologia, História, Egiptologia, Antropologia, versado em diversas disciplinas como o racionalismo, a dialética, técnicas científicas modernas, arqueologia pré-histórica. Enfim, um homem que estudou as origens da raça humana, e a cultura africana pré-colonial. Ainda hoje ele é considerado como um dos maiores historiadores africanos do século XX.

construídas em torno da África e dos africanos. É nessa perspectiva que aparece o pensador Senegales Cheik Anta Diop que, por sua vez, defende que a história da África não será bem contada enquanto os estudiosos africanos não ousarem conectá-la com a de Egito.

Considerado um dos pais da historiografia africana moderna Joseph Ki-Zerbo, cujo ponto alto foi a publicação dos oito volumes da “História Geral da África”, defende por sua vez, que é necessário romper com abordagens e métodos anteriores que eram inapropriados para a reconstituição do passado do continente africano, o mesmo defende que as tradições orais africanas deveriam ser aceites como fontes históricas, em adição às escritas e arqueológicas. Ele questionou a ideia da pré-história como se referindo ao período precedente à invenção da escrita, particularmente rico em criatividade no continente africano, e dirigiu o volume I da “da história geral da África”, publicado pelo UNESCO (1970-1990) e dedicado exatamente à pré-história africana e aos problemas de metodologia.

De forma duradoura e de grande consistência que os arqueólogos europeu “consistência em termos marginalização da África e os africanos”, antes e depois da “descolonização”, tinham subestimado e continuam a subestimar a possibilidade de civilizações negras da antiguidade terem alcançado um gigantesco desenvolvimento, séculos antes que os europeus (como apontaremos mais adiante). Desse modo, é importante trabalhar com novas abordagens que representam uma nova história africana, abordagem essa que vai justamente no sentido de tentar identificar os processos internos e externos que serão capazes de explicar a evolução do continente, a longo prazo. Uma das formas que o Cheik Anta Diop colabora mais nesse contexto é quando o mesmo diz, Egito é tão importante para os estudiosos da África quanto a Grécia para os estudiosos do Ocidente, o mesmo afirma que os antropólogos devem ter a coragem de conectar a história da África com a história de Egito, enquanto isso não for caso, a história da África não será bem contada.

O antigo Egito foi uma civilização Negra. A história da África preta permanecerá suspensa no ar e não pode ser escrita corretamente até que historiadores africanos se atrevam a conectá-la com a história do Egito. Em particular, os estudos das línguas, instituições, e assim por diante, não podem ser tratados adequadamente; em uma palavra, será impossível construir humanidades africanas. Um corpo de ciências humanas africano desde que essa relação não apareça legítima” (DIOP, 2015, p. 11).

O mesmo sustenta que qualquer historiador africano que evita o problema de Egito é ignorante e covarde, porque do seu ponto de vista, a história do Egito tem toda essa conexão com o resto do continente, o mesmo defende que os historiadores (a), estudiosos (a) interessados a esse campo de pesquisa deveriam começar pelo Egito, porque lá é considerado como berço da civilização. Ele vai mais adiante ainda dizendo que,

Os antigos egípcios eram Negros. O fruto moral da sua civilização deve ser contado entre os espólios do mundo Preto. Em vez de apresentar-se a história como um devedor falido, este mundo Preto é o próprio iniciador da civilização — ocidental ostentada diante de nossos olhos hoje (DIOP, 2015, p. 11).

Importante também destacar que ao longo dos tempos os negros estiveram em todos os cantos do mundo enriquecendo as suas civilizações e com elas fazendo intercâmbio. O principal ponto levantado pelos afrocentristas é que a Grécia tem uma substancial dívida com o Egito, essa dívida que processou em diferentes áreas de produção do conhecimento, como por exemplo: “a Matemática de Pitágoras, a teoria dos quatro elementos de Tales de Mileto (...)” (Diop, 2015 p. 11). Esses são um dos valores africanos que foram apagados. Desse modo, é necessário restaurar a consciência histórica dos povos africanos afim de reconquistar os valores que foram apagados ou “roubados”. É importante destacar também que o antigo Egito é anterior à Grécia e deve ser considerado como tal e sendo considerado que contribuiu para o nosso conhecimento atual.

Como diz Asante:

O que afrocentristas realmente ensinam é que você não pode começar uma discussão da história do mundo com os gregos. Criando nuvens de suspeita acerca dos colegas acadêmicos para apoiar a mitologia racial desenvolvida há séculos para acompanhar a escravização europeia dos africanos, o imperialismo e a exploração, não dissipam o fato da dívida grega para com a África (ASANTE, 2015, p. 6-11).

De lembrar que o Heródoto “Pai de história”, estudou no Egito, e este autor glorificou as realizações do Egito em comparação com a Grécia, afirmou o Cheik Anta Diop. O Diop mostrou que existe a possibilidade de escrever uma história da África Preta livre de mera cronologia dos acontecimentos, como ele mostra claramente no seu livro “Origem africana da civilização”; Diop destaca que é necessário definir as leis que governam a evolução das estruturas sociopolíticas

Africanas, a fim de explicar o sentido que a evolução histórica tem tomado na África Preta. Portanto, tentar a partir de agora a dominar com saber esse processo histórico pelo conhecimento, ao invés de simplesmente se submeter a ele. O mesmo Salienta que, esse é um desafio para com todos os estudiosos interessados sobre as temáticas ligadas a África. Segundo as perspectivas afrocêntricas África e os africanos não tem condições de continuar a submeter a esse quadro histórico, porque hoje, como sempre, África e a sua diáspora tem e sempre tiveram as condições necessárias para contribuir com a reflexão contemporânea sobre a cultura e a democracia. Por isso, é necessário recorrer a outras paradigmas intelectuais para reverter esse quadro que se apresenta desde século XV, quando a europa conseguiu impôr ao resto do mundo, as suas concepções do passado e de futuro, de tempo e de espaço. Com isto, impôs outros valores e instituições que transformaram em expressões de excepcionalidade ocidental, ocultando assim continuidades e semelhanças com valores e instituições vigentes noutras regiões do mundo⁴. Segundo Boaventura Souza Santos, pode-se dizer que é possível apresentar uma verdadeira “História Global”, na medida em que fôr superado o eurocentrismo. Só ela permitirá que o mundo se reconheça na sua infinita diversidade a qual inclui também a infinita diversidade das influências cruzadas, das semelhanças e das continuidades. Portanto, é importante dizer que esse mapa intelectual que coloca África como “continente sem Cultura e história”, fundamentalmente não mudou apesar de que importantes reconfigurações sociais e culturais estão em andamento.

Dito isto, vamos analisar outro ponto onde o mesmo “Cheick Anta Diop” sustenta que a África é berço único da humanidade

⁴ Para maiores desdobramentos recomendamos a leitura do livro, epistemologias do sul, de Boaventura Souza Santos & Maria Paula Menezes (org), 2009. Esta obra nos oferece a rica literatura que vai justamente tratar das duas faces de modernidade e coloniedade. Porque esse quadro começou a partir de XV “colonialidade” como projeto hegemônico do Ocidente em relação a outros povos.

2.2 ÁFRICA COMO BERÇO DA HUMANIDADE

A mais marcante das singularidades africanas é o fato de seus povos autoctones terem sido os progenitores de todas as populações humanas do planeta, o que faz do continente africano o berço único da espécie humana. África é considerada o berço da humanidade e da civilização, este é o continente onde a humanidade vivia há mais tempo. O fato de África ser considerado o berço da humanidade, isso torna as suas sociedades mais complexas de serem estudadas, porque todas as espécies humanas descenderam desse continente, por isso, neste capítulo faremos algumas abordagens sobre a cultura desse continente e, principalmente aqueles assuntos que mais interessam aos debates contemporaneos.

Sabe-se que, a humanidade teve seu início neste continente, portanto, foi aí onde as grandes transformações geraram o ser humano atual, isso fez com que os princípios da humanidade são originárias da África, fogo e instrumentos de materiais variadas tais como pedras etc.

Pudemos verificar com as nossas análises no texto de Elisa de Nascimento que, passando pelos ancestrais pertencentes a várias espécies do gênero Australopitecos, e às espécies primitivas do gênero Homo (desde o Homo habilis até o Neandertal e seus pares), o caminho evolutivo conduz o Homo sapiens ao homem moderno. O Homo erectus, autorde importantes avanços na manufatura de implementos como o machado, teria saído da África há quase dois milhões de anos, em ondas migratórias rumo à Ásia e à Europa, iniciando o povoamento do mundo. E, Elisa Larkin, o consenso científico sustenta ainda que o homem moderno (Homo sapiens) também evoluiu na África e de lá saiu, há mais ou menos 150 mil anos, em uma segunda fase de ondas migratórias através da Eurásia. Segundo a mesma ainda, tudo isso pode ser comprovado pelas ossadas fósseis, pelos indícios da manufatura e da arte primitiva encontrada no continente africano. As transformações de formas arcaicas do Homo Sapiens em formas modernas teriam ocorrido primeiramente na África, o que nos levaria a concluir que todos os humanos de hoje são descendentes de africanos. Estes se espalharam pela Eurásia dando início a um processo de intercâmbios genéticos, que se processa até hoje, a qual esses

intercambios provacarim as novas características locais, afirma a autora Elisa Nascimento.⁵

Diop produziu um volume de textos com objetivo de propor e apresentar essas principais teses. A finalidade era para apresentar ao mundo que a África poderia produzir uma renascença plenamente comparável à Europa e o resto do mundo. Os oito princípios que Cheik Anta Diop usou para sustentar as suas ideias:

1 A humanidade começou na África; 2. O antigo Egito foi uma civilização negro-africana; 3. A origem dos povos da África Ocidental remonta ao vale do rio Nilo; 4. O mundo semita é uma fusão de imigrantes caucasoides ou arianos com negros autóctones já estabelecidos na Ásia Ocidental; 5. Houve dois berços do desenvolvimento humano nos tempos pré-históricos: o berço do sul e o berço do norte; 6. A ciência, a medicina, a filosofia, a arquitetura, a engenharia e a arte civilizada surgiram primeiro no vale do rio Nilo; 7. Os reinos pré-coloniais da África Ocidental desenvolveram sistemas de governo e formas de organização social altamente sofisticados; 8. Há uma unidade cultural entre toda a África Negra, apesar das diferenças e variações superficiais entre as diferentes sociedades. (NASCIMENTO, 2009, p, 77).

Segundo o Diop o renascimento cultural do continente estará completo quando formos capazes de construir um corpo de conhecimento que articule nossas experiências presentes com as clássicas civilizações do continente. Diop era um intelectual e escritor negro africano, atacando os princípios centrais da produção acadêmica europeia sobre a antiguidade. Diop usou todos os instrumentos, métodos e técnicas disponíveis para sustentar suas teses. Ora, pudemos concluir que a história da África começa precisamente como primeiros seres humanos africanos: seres dotado de consciência, de sensibilidade, e não somente de inteligência.

2.3 ÁFRICA COMO BERÇO DA CIVILIZAÇÃO

Uma outra singularidade da África decorre, precisamente, do fato desse continente ter sido o precursor mundial das sociedades agro-sedentárias e dos

⁵Nascimento, Elisa Larkin em Introdução da África, in: Educação africanidades Brasil. Faculdade da educação, Brasília, 2006. P33-51

primeiros estados burocráticos, particularmente ao longo do rio Nilo (Egito, Kerma, Napata e Kush-Meroé.

A África esteve na vanguarda do desenvolvimento da humanidade não só no seu início como também durante um longo tempo do período chamado civilização “época a qual até hoje vivemos”. Portanto, foi também nesta parte do planeta que surgiu o que chamamos a primeira civilização humana: o Egito antigo. Essa civilização foi apresentada ao mundo pelos europeus como “raça” branca. Desde última metade do século XX, historiadores africanos como Cheik Anta Diop já demonstraram que se tratou de uma civilização de povos negros⁶. Diop fala disso, partindo do princípio que todas as raças descenderam da África, segundo ele,

O triunfo da tese monogenética da humanidade (Leakey), mesmo na fase de — Homo sapiens sapiens, obriga a admitir que todas as raças descendem da raça Preta, de acordo com um processo de filiação que a ciência um dia irá explicar (Diop, 2005, p. 12).

Mas é importante dizer que, cada cultura africana tinha, antes de ruptura social causada pela “dominação, colonização e escravidão”, tinham as suas formas de conceber o mundo a partir das suas realidades, de explicar suas origens e de formular o que lhes convém, conforme mostram os mitos e lendas, bem como o discurso das pessoas mais antigas, que sobreviveram do processo da colonização. Isso demonstra a grande diversidade cultural no continente, correspondendo à diversidade de formas e estilos na arte tradicional. Estas questões são importantes porque elas ajudam em definir a imagem de uma África moderna reconciliada com seu passado e se preparando para o seu futuro.

Por isso, não podemos admitir nada de primitivo na história e na cultura material dos povos africanos,

Veja que se trata de sociedades que têm atrás de si milênios de existência. Temos testemunhos plásticos e iconográficos dos séculos V, VI e até VII a.c. nos países do Mediterrâneo antigo, que demonstraram não apenas a presença da

⁶ Para mais informações recomendamos o livro de Cheik Anta Diop, “Origem Africana da Civilização”, 2005.

civilização egípcia, como também das civilizações da África subsaariana” (SALUM, 2006).

A história africana, a verdadeira imagem das suas civilizações, devem ter um lugar eminente nos currículos escolares, e as crianças deve ser alertadas para o fato de que essa educação constitui uma resposta às distorções racistas inventadas pela ciência europeia para assegurar a sua dominação.

2.4 A NECESSIDADE DO RESGATE HISTÓRICO DOS POVOS AFRICANOS

Considerado o continente mais pobre do mundo, apesar disso há países e regiões prósperos, pouco mais avançado no que tange ao desenvolvimento econômico e político. “Onde o ocidente tem aquela imagem estereotipada como continente escuro e obscuro abrigando tribos primitivos, imóveis no tempo e no espaço, com as suas culturas arcaicas estáticas” (NASCIMENTO, p. 80), a mesma afirma que, a realidade histórica é o contrário deste estereótipo, de salientar que desde os seus primórdios a África tem sido o palco de intensas movimentações, migrações, trocas comerciais e culturais. De muitos tempos, o continente africano é apresentado pela imprensa mundial como sendo a área do planeta aonde predominam a fome, as guerras, doenças e os extermínios em massa. Considerado o lugar da morte e da pobreza. A causa dessas calamidades é apresentada como sendo inerentes aos povos africanos, isto é, por estarem ainda no estágio tribal de desenvolvimento, não conseguem viver “civilizadamente”. Neste sentido, tudo não passa de um processo de eliminação dos próprios africanos. Todos os conflitos neste continente são colocados como sendo de caráter étnico ou tratados como meras guerras tribais. Isso é fruto de um processo de colonização que durou mais de 500 anos, onde o Ocidente aproveitou e criou um falso argumento que colocou África como “continente sem cultura”, e que todos os africanos deveriam ser escravizados. A partir de século XX surgiram novas paisagens políticas e ideológicas nos horizontes africanos que tinham e ainda continuam tendo uns papéis principal_reivindicar o reconhecimento da importância do papel da África na humanidade, desmistificando a ideia eurocentrica dando lugar ao afrocêntrismo.

Sistema de organização social dentro do continente era organizado a partir sociedades, havia um consenso absoluto em termos da organização social e da vida cultural de cada tribo, os europeus não admitiam que os africanos pudessem refletir criticamente sobre a sua própria cultura. Como sustenta Baqueiro, a ideia de uma África em que nada de novo podia acontecer foi expressa no início do século XIX, por Hegel, e prevaleceu durante muitos tempos.

Talvés no futuro, haja alguma história africana para ensinar. Mas, no presente, não há: há apenas a história dos europeus escritos na África, (...) [A história] é essencialmente uma forma de movimento intencional. (...) [Não devemos] negligenciar nossa própria história para nos destrar com as reviravoltas sem consequências de tribo bárbaras em cantos pitorescos, mas irrelevantes do globo⁷

Baqueiro destaca que, essas afirmações foram feitas em 1963 quando a boa parte dos países africanos já haviam conquistado suas independências no quadro político, o historiador britânico Hugh-trevor ousava fazer tais afirmava.

O pesquisador guineense Carlos Lopes sustenta que o filósofo Alemão Hegel traça considerações sobre a chamada “África Negra”, ou seja, a região do continente localizada além do deserto do Saara, demonstra que a África não tem história antes da colonização e que ela precisava da civilização europeia para ter uma história consciente. Todavia, com a chegada de novas correntes, este paradigma fracassará, havendo uma mudança na interpretação histórica⁸. Afrocentricidade é uma destas correntes que estão engajados para a desconstrução desses tipos de pensamentos que colocam a África e os africanos como “seres não pensantes e continente sem história”. Por isso, afrocentricidade consiste em retornar para trazer e demonstrar ao mundo os valores africanos que foram negados. Geralmente quando se coloca a História da África em centro de debate ela é contada a partir do XV ou XVI, como se ela começasse com o processo de escravidão, esquecendo como esses povos viviam e organizavam politicamente.

Podemos presumir que a inferioridade africana foi fortificada, e ainda é, pelas estruturas da colonização, supostas incluir a dominação física e humana, e esta estrutura impõe um olhar ramificador sobre África e africanos. Porém Carlos lopes indica que essa corrente é dominada por historiadores não africanos. Não

⁷ Figueiredo, Baqueiro Fábio, História da África, p.15, 2003

⁸ LOPES, Carlos. A Pirâmide invertida- historiografia africana feita por africanos. In: Actas do ‘Colóquio Construção e Ensino da História de África. op. cit. p. 28

obstante dizer, o produto histórico não tem nenhuma independência ou autonomia, dependente inteiramente do momento e ideologia que influenciam a sua concepção, numa abordagem que visa demonstrar de que nada é para sempre e tudo está sempre em mudança, desde a história até a historiografia. Por isso essa corrente influenciada pela Nova História vai justamente demonstrar que não podemos viver uma ideologia ao escrever história, devemos sim perceber que a história tem um sentido de explicação no âmbito passado-presente. Achille Mbembe por sua vez, sustenta que, “a história pré-colonial das sociedades africanas foi, de ponta a ponta, uma história de povos incessantemente em movimento através do conjunto do continente” (MBEMBE, 2015. p. 7). O mesmo seguiu dizendo ainda que se trata de uma “história de culturas entre duas alas, tomadas pelo turbilhão das guerras, das invasões, das migrações, dos casamentos mistos, de religiões diversas que são apropriadas, de técnicas que são trocadas e de mercadorias que são vendidas” (MBEMBE, 2015, p. 7). O mesmo vai mais adiante, dizendo que, A história cultural do continente praticamente não pode ser compreendida fora do paradigma da itinerância, da mobilidade e do deslocamento.

Conforme o Professor e pesquisador sobre a história da África Fábio Baqueiro, as características do continente africano como um espaço “tribal”, sem história significa que esconder a longa tradição e a grande variedade de formas assumidas pelos estados na África, era fundamental para o projeto de dominação europeu, que não se cansava de afirmar não existirem sinais de “civilização” (como estado) no continente.

É importante, portanto ter sempre em vista que o continente africano é imenso, onde podemos encontrar mais de oitocentos grupos étnicos ou sociedades, diferentes e cada qual com a sua cultura diferente, como sustenta Marta, não devemos caracterizar essas sociedades de tribos, porque o mesmo defende que:

O sistema de parentesco, além de não ser a única forma de organização, manifesta-se em grande diversidade e complexidade na composição dos grupos culturais. Hoje as sociedades africanas são sociedades modernizadas, o que não quer dizer que antes não elas não tinham organização, com uma hierarquia pela sua economia, seja ela de subsistência ou de comércio, algumas sociedades tradicionais voltaram-se mais para agricultura, outras para a caça e pesca, e não raro, essas atividades eram mescladas. Não há conhecimento de grupos africanos sem um tipo de organização, seja em pequenas chefias e grandes repúblicas e

reinos, até que as grandes potências ocidentais invadiram e colonizaram o território africano (SALUM, 2006).

Os colonizadores pautaram em compreender para melhor dominar. Tais concepções que definem África como continente sem história, encobertaram as verdadeiras razões que provocaram estas situações, como também descartam a realidade histórica da África. Normalmente, quando se fala em história da África pensa-se no tráfico de escravos, fome, doenças e dando uma falsa imagem de que os africanos só viveram esta realidade. Por conta disto, levantar algumas questões a respeito do desenvolvimento histórico dos africanos torna-se fundamental, tanto para entender seu momento atual como para romper com preconceitos já estabelecidos de que na África não houve história antes da presença europeia. Mas é importante dizer que,

As sociedades africanas tradicionais ou (pré-coloniais), tinham em suas atividades econômicas um das formas de sobrevivência, de acordo com o meio ambiente em que viviam, de suas necessidades materiais e espirituais, e de toda uma tradição anterior de várias técnicas e tipos de produção. Havia muitos povos nômades, que precisavam se deslocar periodicamente, e havia povos sedentários, que fundando seus territórios, chegaram a construir grandes reinos, desenvolvendo atividades econômicas produtivas, tanto de bens de consumo como de bens de prestígio (em que se destacam várias de suas artes de escultura e metalurgia (SALUM, 2006).

O que história procurou velar é que os africanos desenvolveram várias formas de governos e muito complexos. Recentemente a historiografia africana tem sido revista e a diversidade cultural tem dado espaço à relatos sobre as grandes contribuições que esse continente deu para humanidade como pudemos ver no Cheik anta Diop, exemplo de primeiras civilizações para qual foi desenvolvida muito antes da chegada dos colonizadores.

Baseado-se em uma ordem genealógica (clãs e linhagens), seja em processos iniciáticos (classes de idade), seja ainda, por chefias (unidades políticas, sob várias formas). Algumas grandes chefias, consideradas Estados tradicionais, são conhecidas desde o século IV exemplo da dinastia do Gana, mesmo assim posteriores a grandes civilizações, cuja existência pode ser testemunhada pela arte, como a cerâmica de Nok (Nigéria), datada do século V d.c. (SALUM, 2006).

A história dos povos africanos era considerada como imaginário pelos europeus, como se a história fosse resultado de uma cultura-européia. Para tal, seria necessário que haja uma desconstrução de toda essa narrativa que foi construída. Contudo, é necessário a libertação dos povos e das culturas colonizadas no domínio

do estrangeiro. Por exemplo, pode-se utilizar as obras dos Paulo Freire que vai justamente ajudar nesse sentido “descolonização”, levando em consideração os seus trabalhos pioneiros, onde o mesmo discute sobre a “filosofia da educação para os oprimidos, Freire defende determinadamente que o objetivo da educação é ajudar as pessoas a ler e escrever as suas próprias histórias⁹. Portanto, para tal, entendemos que é necessário caminhar em direção a tese do pensador decolonial Enrique Dussel quando o mesmo defende que devemos encarar a modernidade com “novos olhos”, para que isso aconteça exige de nós “negros_africanos”, justamente colocar-se fora da Europa e nos colocar dentro das nossas realidades, porque mesmo que os africanos não tivessem escrito as suas histórias no passado, isso não quiz dizer que os africanos não tinham história, muito menos que não tinham escrita.

Em suma podemos ver nesse capítulo que a África é um lar a história humana, os africanos deram ao mundo as primeiras civilizações como foi mencionado lá em cima “Africa como berço da humanidade e da civilização”, nas obras de Cheik anta Diop “ A origem africana da civilização”, e outras obras que foram analisadas a cerca dessa temática. África é um continente de grandes diversidades dos povos “linguagens e costumes”. Mas o mais importante era apresentar alguns pensamentos que contribuíram para a formulação do pensamento afrocentrico. Como sustenta Elisa Nascimento, o conceito afrocentricidade foi cunhado pelo Molefi Asante (1980) e desenvolvido como paradigma de trabalho academico no final de século XX (NASCIMENTO, 2009, p. 38). Mas antes dessa formolução já tinha alguns autores que desde século XX que estavam envolvidos no processo de libertação e da descolonização do próprio continente, descolonização essa que vai tentar afastar todas as estruturas colonizadoras que foram implantados no continente ao longo dos séculos. Para isso cheik anta diop é um grande referencial.

⁹ O livro de Boaventura souza santo & Maria Paula Menezes (Orgs.) Epistemologias do Sul, 2009. Propõe uma série de obras de discutem sobre o processo de descolonização a qual tem série de capítulos escritos pelos proprios pensadores Decoloniais.

CAPÍTULO - III

EXPOSIÇÃO DO PRÓPRIO PARADIGMA AFROCENTRICO

3.1 RECENTRAMENTO COSMOPOLÍTICO A PARTIR DE MOLEFI ASANTE

Neste sub-capítulo trataremos do problema do recentramento cosmopolítico implicado pelo discurso afrocêntrico. Por cosmopolítica entendemos toda prática de pensamento que envolve uma política de mundo, ou seja, o modo de pertencimento à humanidade, a maneira de coexistência humana (Cf. Mbembe, Sair da Grande Noite). Ora, o universalismo europeu concebeu essa maneira de pertencer à humanidade a partir de critérios raciais, epistêmicos, culturais, etc, que faziam com que a única forma de realizar plenamente o existir humano coincidissem com o próprio modo ocidental de ser e de pensar, com sua identidade considerada como a expressão a mais bem realizada da humanidade, excluindo os demais povos, culturas e modos de existência para o campo daquilo que Frantz Fanon chamava de zona de não ser e que o pensamento decolonial, com Ramon Grosfoguel, entre outros, retoma a fim de criticar a colonialidade do poder, do saber e do ser (cf. LAMBERT DA SILVA, 2016). Ora, a proposta da afrocentricidade funda-se precisamente sobre um deslocamento em relação a essa centralidade da perspectiva ocidental e um recentramento sobre a realidade africana, configurando assim um caso daquilo que Lambert da Silva (2016) chama de cosmopolítica da alteridade, ou seja, uma política de mundo que se constrói a partir da centralidade e da agência de toda figura do outro e da outra.

Assim, entendemos que Cosmopolítica de Alteridade consiste em diferentes iniciativas e práticas do pensamento a partir dos diferentes marcadores sociais da diferença. A prática cosmopolítica da alteridade, ressoa com outras formas de crítica aos demais marcadores sociais da diferença, como as lutas feministas negras e chicanas, as lutas LGBT, as lutas dos muçulmanos e entre outras, que buscam recentrar sua política de mundo respectivamente a partir do lugar das mulheres negras, das chicanas, dos LGBT, dos muçulmanos, os quais eram e são ainda em muitos contextos relegados à condição de outros (alteridade) invisibilizados, marginalizados, excluídos. Porém, em outras palavras podemos dizer que o recentramento cosmopolítico consiste em conceber o mundo no ponto de vista dos diferentes grupos minoritários, não em termos quantitativos, mas sim, ao nível de

representatividade do poder, em muitas das vezes são maioria em termos de quantitativos mas não tem lugares e espaços de representação do poder.

O Recentramento Cosmopolítico a partir de Molefi Asante, pode ser usado também como um processo de reabilitação do mundo negro. Esse conceito afirma a possibilidade de uma outra forma de conceber o mundo no ponto de vista dos povos africanos. Pois, o mundo ocidental colocou a Europa no centro de todas as realidades, relegando todas as outras formas de pensar ao estabelecer padrões em que a realidade pode ser testada. Desta forma a Europa é colocada em um lugar prevelegiado e enxerga a realidade numa perspectiva única. Desta forma, desvalorizaram todos os trabalhos desenvolvidos pelos africanos ao longo dos séculos, a qual Asante vai buscar resgata e trazer para ser mais debatido no contexto atual. Como afirma o franz Fanon, "O branco quer o mundo; ele o quer só para si. Ele se considera o senhor predestinado deste mundo. Ele o submete, estabelece-se entre ele e o mundo uma relação de apropriação". O mesmo seguiu ainda dizendo, os valores que defendem a hegemonia europeia, hoje em dia tem casos que demonstram que essas questões não eram exclusivas aos brancos, como por exemplo, se a Europa afirma ter estados organizados, a África já tinha impérios "Estados" organizados com mais de cem mil habitantes, dessa mesma linha vem reforçando o Asante, dizendo que os africanos não esperaram pelos gregos para descobrir como construir as pirâmides e, de mesma forma, se a Europa afirma ser civilizado, Diop um estudioso que surgiu para desafiar todas as falsas mentiras contruídas em torno da África e dos africanos, aprova que a civilização começou na África.

Entre estes e vários dos outros fatores que os intelectuais afro-Americanos embasaram para sustentar esse novo paradigma "Afrocentricidade". Em outras palavras podemos dizer também que o "Recentramento Cosmopolítico" consiste em contestar a hegemonia europeia, tal hegemonia ocidental que foi construído através da universalização da identidade, dos valores e histórias dos europeus, excluindo dessa narrativa os "outros" (africanos, asiáticos, ameríndios, etc.) ou os relegando à condição de particularidade, de margem. Portanto, não obstante dizer também que esse recentramento a partir de Asante consiste também em iniciativas teóricas e políticas que buscam reverter e contestar esse quadro, fazendo valer os valores e história daqueles que foram marginalizados como alteridades. Reivindicando de uma

certa forma que o mundo não pertence só aos brancos, mas também aos negros. Fenomino básico sendo deslocado de dois pontos de vista do mundo “o Mundo branco e o mundo Negro” o que pudemos observar é deslocamento da “agência” por parte dos oprimidos, onde ele era subjetivado, vai se auto-afirmar, reivindicar essas identidades que foram excluídas. Os europeus elegeram uma identidade (a branca) como sendo a única universal, único valor possível. Na concepção de afrocentristas é mais de que interessante reivindicar os valores africanos que foram negados e fazer as críticas ao eurocentrismo, tentar construir uma cosmopolítica afrocentrada, onde os próprios africanos poderão afirmar as suas identidades, porque ela foi excluída enquanto dimensão humana e, é necessário afirmar-la porque ela expressa os valores humanos.

Como sustenta o Professor e pesquisador sobre a história da África Rivaldo Macedo, no seu artigo sobre “a história da África visto pelos africanos”, Macedo sustenta que:

Nascidos no século XIX “Africanólogos”, no mesmo instante em que as teorias raciais eram alcançadas à posição de conhecimento científico no mundo europeu e norte-americano, os estudos sobre a África carregaram consigo marcas indeléveis derótulos e estereotipados associados aos mitos raciológicos. Eles interferiram de modo significativo na constituição do campo da africanologia, e seus efeitos persistem no modo pelo qual as pesquisas acerca da África e dos africanos são realizadas e divulgadas ainda hoje, (MACEDO, 2014, p. 144).

Dito isto, entendemos que uma das tarefas obrigatórias para os estudos africanos é refletir sistematicamente sobre como e em que circunstâncias foram organizados e produzidos os saberes sobre a África. Para os africanólogos, e convém distinguir a existência de pelo menos duas formas gerais da percepção da realidade africana, uma que vai de fora para dentro tentando enquadrá-la em modelos gerais da explicação, e outra que vai de dentro para fora que visa realçar a sua originalidade e a sua especificidade. Como afirma o Macedo, esta distinção metodológica é fundamental porque torna claro um dos pontos nebulosos da abordagem dos problemas africanos, a questão do lugar dos enunciados e dos sujeitos envolvidos na constituição e difusão do conhecimento.

Achille Mbembe por sua vez afirma que a escravidão, a colonização e a apartheid são considerados não só como tendo apresionado o sujeito africano na

humilhação, no desenraizamento e no sofrimento indizível, mas também em uma zona de não-ser e de morte social caracterizada pela negação da dignidade, pelo profundo dano psíquico e pelos tormentos do exílio¹⁰.

Todos os três casos, supõe-se que os elementos fundamentalmente da escravidão, da colonização e do apartheid são factores que servem para unificar o desejo africano de se conhecer a si mesmo, de reconquistar seu destino (*soberania*) e de pertencer a si mesmo no mundo (*autonomia*) (MBEMBE, 2001, p. 4)

O autor vai mais adiante dizendo que, através desses três processos, o “eu” africano torna alineado de si mesmo, o que o mesmo chama (divisão do self). Supõe-se que esta separação resulta em uma perda de familiaridade consigo mesmo, a ponto do sujeito tendo-se tornado um estranho para si mesmo. Não apenas “eu” não é mais reconhecido pelo Outro, mas também não si reconheci a si mesmo. Tal familiaridade que foi perdido dentro de si mesmo que os afrocentristas defendem que deve ser recuperado através do processo de restauração da agência africana, onde os povos africanos devem buscar falar a partir dos seus lugares e conservar as suas alteridades como expressão de um mundo humano. Validar que existe série de características culturais comuns entre os povos da África e diversas sociedades de outros continentes que permeiam suas artes tradicionais de uma forma singular: seus sistemas de pensamento e de crenças.

Mas é importante dizer que “estamos no limiar de um novo tempo. Tempo de África. Mais justa e mais livre e, inspirados por ela mesmo, renascemos arrancando as máscaras brancas, pondo fim à imitação. Descobrimos a lavagem cerebral que nos poluía e estamos assumindo nossa negrura bela e forte. Estamos limpando os nossos espíritos das ideias que nos enfraquecem e que só servem aos que querem nos dominar e explorar (ASSIS, 2012, p. 18)”. Porém, tem questões que estão sendo superados, mas contudo, tem mais que fazer ainda pela frente.

Após esses apontamentos preliminares da problemática afrocêntrica e suas implicações cosmopolíticas, vamos passar à análise propriamente dita das teses de Assante em torno da narrativa da afrocentricidade.

¹⁰ Mbembe, Achille. As formas africanas de auto_inscrição, 2001, p.4-39.

3.2 AFROCENTRICIDADE COMO PARADIGMA

Exporemos, derovante, os principais conceitos e problemáticas que embasam aquilo que Asante chama da paradigma afrocentricidade. Com efeito, afrocentricidade é um paradigma baseado na ideia de que as pessoas africanas devem reafirmar a sua agência a fim de alcançar sanidade, em termos da política de mundo, entendemos o gozo integral de sua humanidade nas relações consigo mesmo e com os outros, o que não é o caso em toda situação criada pela racialização. Na perspectiva de Molefi Asante, Afrocentricidade é um tipo de pensamento, prático e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes atuando sobre a sua imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos (ASANTE, 2009, p. 93).

Durante os anos de 1960 um grupo de intelectuais afro-americanos inseriu os Estudos Negros nos departamentos das universidades de temples nos Estados Unidos, começando a formular maneiras originais de análise do conhecimento. Em muitos casos, estes novos modos foram denominados de conhecimento numa “perspectiva negra” como oposição ao que tem sido considerado “perspectiva branca” da maior parte do conhecimento na acadêmia Americana.

Afrocentricidade assegura o papel central do sujeito africano dentro do contexto histórico africano, por conseguinte, removendo a Europa do centro da realidade africana. Deste modo, Afrocentricidade promove uma idéia revolucionária porque estuda idéias, conceitos, eventos, personalidades, processos políticos e econômicos de um ponto de vista do povo negro como sujeito e não como objeto, baseando todo conhecimento na autêntica interrogação sobre a localização.

Como Paradigma, afrocentricidade admite a centralidade de africanas (os), isto é, ideais e valores negros são tomados como formas mais elevadas de expressão da cultura africana, sua conscientização é um aspecto funcional para uma abordagem revolucionária do fenômeno. E por outro lado, podemos destacar os dois conceitos indispensáveis para o paradigma afrocêntrico, isto é, para nos situarmos dentro desta específica epistemologia será necessário destacar duas das características que os afrocentristas consideram como fundamentais para tal projeto

afrocêntrico: localização e agência. Promovendo a agência dos povos africanos em prol da liberdade humana. Asante defende o processo de conscientização política porque os povos africanos viviam a margem da educação, arte, tecnologia, comunicação e ciência tal como foi definido pelos colonizadores, o mesmo acredita que se o processo de recentralização desse povo for bem-sucedido, aquilo abriria um novo capítulo com novas possibilidades na libertação da mente dos povos africanos. Porque segundo as perspectivas de Asante, não nos falta a consciência sobre a opressão a qual nós sofremos, mas também de possíveis vitórias. Em outras palavras podemos dizer que, “Afrocentricidade é uma questão de localização o que significa que é necessário precisar saber em que lugar a pessoa está posicionado em relação à sua cultura. Porque é indispensável entender e demarcar a maneira como uma pessoa está em relação a sua ancestralidade suas referências história e culturais. Isso porque os indivíduos africanos vêm atuando na margem da experiência europeia” (ASANTE, 2009, p. 95). O mesmo vai mais adiante dizendo que, toda a produção que não atende os interesses eurocêntricos é marginalizada. Já que a agência é a capacidade de dispor dos recursos psicológicos e culturais, é necessário para o avanço da liberdade humana. “Considerarmos questões de lugar, situação, contexto e ocasião que envolvam participantes africanos, é importante observar o conceito de agência em oposição a desagência, dizemos que se encontra a desagência em qualquer situação na qual o africano seja descartado como ator ou protagonista em seu próprio mundo (ASANTE, 2009. p. 95). Porque o objetivo de afrocentrista é perceber os africanos como sujeitos e agentes de fenômenos atuando sobre a sua própria imagem cultural de acordo com os seus interesses próprios e interesses humanos. Portanto, para que isso aconteça é necessário a localização psicológica e da agência dos seus agentes. O que está em causa é a localização, a posição central que as experiências, perspectivas e referências epistêmicos africanos assumem no desenvolvimento de qualquer atividade. Falar que se trata da posição de alteridade que, de marginalizada e inferiorizada, passa à posição central.

Durante os últimos anos, das décadas de 80 até os nossos dias, temos visto surgir tendências intelectuais cujo objetivo tem sido conferir autoridade simbólica a certos elementos integrados ao imaginário coletivo africano. Algumas destas tendências se desenvolveram, outras permaneceram como meros esboços. Muito poucas são notáveis por sua riqueza e criatividade, e em menor

número ainda, são aquelas tendências dotadas de uma força excepcional (MBEMBE, 2001, p. 3).

Isto porque os movimentos anteriores não desenraizaram o racismo. Entretanto, o racismo continua a ser uma realidade como diz o Mbembe “face à violência do racismo era preciso criar uma comunidade que lutasse. O perigo, como sabemos, é de reintroduzir uma luta que vai justamente procura transcender as questões raciais e que pode conduzir à repetição do mesmo, ou praticamente do mesmo. Então, o risco de uma certa manutenção da negritude e de uma particular forma de pan-africanismo é de dar espaço a revoluções idênticas a outras já feitas, e que demonstraram ser incapazes de pôr um ponto final nestes problemas”. Isso foi dito numa entrevista concebida à Novo Jornal em 17 de janeiro de 2014.

No texto que utilizamos como corpus principal de análise do paradigma da afrocentricidade de Molefi Asante, encontramos cinco princípios que o pensador afro-americano considera como básicos, mas que são fundamentais para o projeto Afrocêntrico, entre esses princípios temos: 1- Interesse pela localização psicológica; 2-Compromisso com a descoberta do lugar africano como sujeita; 3-Defesa dos elementos culturais africanos; 4-Compromisso com o refinamento léxico, e, 5-Compromisso com uma nova narrativa sobre a história da África. Todas essas características foram bem desenvolvidas no artigo Afrocentricidade: Notas sobre uma posição disciplinar de Molefi Asante. Propomos agora desenvolver esses princípios, expondo suas características, seguindo a trilha aberta por Asante: como já foi destacado em cima agora vamos desenvolvê-los de forma sintética.

Como sustenta o Asante, “O método afrocêntrico considera que nenhum fenômeno pode ser apreendido adequadamente sem ser localizado primeiro. Um fenômeno deve ser estudado e analisado a partir das relações de tempo e espaço psicológicos (ASANTE, 2009, p. 5)”. Na perspectiva afrocentrica o indivíduo deve sempre ser localizado, isso devido as informações que temos sobre a África é tão negativa até o ponto de a gente simplesmente não quer identificar com ela. Asante advoga sobre a importância da libertação psicológica o mesmo diz que, “não está falando de um perigo físico e econômico “embora essa história seja por si só bastante dura”, mas de perigo psicológico e cultural, o perigo que aniquila a alma de um povo “ (MORAES, 2003, p. 16). De fato, seria absurdo negar importância

histórica aos fatores psicológicos ou ignorar os prolongados efeitos psicológicos da escravidão ou do colonialismo, ou seja, é necessário assegurar o papel central do sujeito africano dentro do seu contexto histórico, removendo a Europa no centro da realidade africana. Como os afrocentristas pretendem fazer isto? Promovendo uma ideia revolucionária para estudar os conceitos, a personalidade, os processos políticos e econômicos de um ponto de vista dos povos negros, como sujeito e não mais como objeto, onde as ideais e valores negros são tomados como as formas mais elevadas de expressão da cultura africana, sua conscientização é um aspecto funcional para uma abordagem. Na passagem acima citada, Asante fala com grande autoridade moral porque se baseia em uma dimensão importante de sua própria experiência de vida, e da experiência de vida de inúmeros outros afro-americanos nos Estado;

De mesmo modo, “o método afrocêntrico considera o fenômeno múltiplo, dinâmico e em movimento e, portanto, ele é imprescindível para uma pessoa anotar cuidadosamente e registrar de modo preciso a localização do fenômeno em meio às flutuações” (ASANTE, 2009. p. 5). Isso significa que o investigador ou investigadora deve saber onde ele ou ela se encontra no processo. Segundo as perspectivas afrocentricas os africanos devem operar como agentes autoconscientes, não mais satisfeitos em sofrer definições e manipulações de fora, extraindo da cultura africana os critérios para a sua auto definição positiva e assertiva. Por isso, é preciso recentrar o Africano através das tradições Africanas.

O método afrocêntrico também crítica a forma cultural que examina a ordem e os usos etimológicos das palavras porque o Asante sustenta que cada análise a ser feita sobre África é importante levar em consideração as próprias linguas africanas e termos para reconhecer a localização das fontes de um(a) autor(a). O que nos permite articular com idéias baseadas no que é pejorativo e ineficaz, e, baseado no que é criativo e transformador em níveis políticos e econômicos. Porque para Asante “principal componente de um trabalho tem a ver com uma orientação, localização, uma posição”. Do ponto de vista afrocêntrico tudo é examinado através do olhar do povo africano enquanto sujeito de experiências históricas. Em muitas das vezes que se fala da história da África ela é contada a partir do processo de colonização como se ela começasse no Século XV e XVI. Geralmente quando se discute sobre história africana ela é contada a a partir desse período, segundo as

concepções dos afrocentristas isso nos leva a esquecer das grandes produções desses povos como eles se organizavam politicamente e como eles se viviam antes do processo de colonização. Asante defende que esses valores que foram negados precisam de ser restauradas e instauradas dentro de contexto africano. Este paradigma nos proporciona novas propostas para pensar África como lugar dos africanos e também como um novo movimento para recentrar à África, ele que vai defender os valores e elementos culturais do continente.

Já no que se refere ao refinamento léxico o Asante chama de necessidade, para o africano, de elaborar o refinamento do léxico, o pensador salienta que, “típicamente o afrocentrista deseja saber se a linguagem usada em um texto é baseado na ideia dos africanos como sujeitos, isto é, se o escritor tem alguma compreensão da natureza da realidade africana (ASANTE, 2009, p. 98)”. O autor usa como exemplo quando os europeus ou norte americanos chamam uma casa africana de “Choupana”, isso significa que estão desturpando a realidade, ou seja, o modelo da construção da casa não pode ser universal, de modo que é construído na Europa ou nos Estados Unidos pode ser diferente da forma que é construído na África, mas isso não quer dizer que o conceito “Casa” não pode ser o mesmo, o fato de ter estruturas diferentes não justifica que as casas da África deixarão de ser “casas” para “choupana” porque o modelo não é igual à dos Estados Unidos e a Europa. Deste modo, os afrocentristas buscam livrar-se da linguagem de negação dos africanos como agentes na esfera da história da própria África. Asante seguiu mais a frente dizendo que as referências à África e aos africanos na educação ocidental - com exceção de um número limitado de pensadores progressistas - reduziram os africanos à condição de seres indefesos, inferiores, não-humanos, de segunda classe, como se não fizessem parte da história humana, em outras palavras, essas contribuições europeias de léxico da história africana ainda dominam em certos casos e certamente criando problemas no mundo intelectual. Portanto os afrocentristas estão engajados no processo de desvelar e corrigir as distorções causadas pelo ocidente, o seja, “voltar atrás e reconstruir aquilo que esquecemos”.

Asante defende que, não podemos continuar a viver no modelo do colonizador. Esse paradigma “afrocentricidade” nos coloca o desafio para pesquisar mais sobre a África. Nesse caso Asante aconselha que o pesquisador deve analisar

de forma diferente “em relação aquelas formas que colocavam África como continente sem história e cultura”, para que isso aconteça é necessário que o pesquisador tenha a consciência de que tudo que os africanos fizeram e fazem representa a criatividade humana. Os escritores não devem ignorar os valores culturais, econômicos e políticos dos africanos, como fizeram os Europeus. Vale também lembrar que é necessário restabelecer a agência dos povos africanos, onde serão capazes de agir de forma independente em função dos seus interesses. Como afirma Achille Mbembe:

A África não é mais responsável pelas catástrofes que sobre ela se abatem. Supõe-se que o atual destino do continente não advém de escolhas livres e autônomas, mas do legado de uma história imposta aos africanos, marcada de ferro e fogo em sua carne através do estupro, da brutalidade e de todo tipo de condicionamento econômico (MBEMBE, 2001, p. 6)

Deste modo, considera-se que a experiência africana do mundo é determinado por um conjunto de forças sempre impostas pelos colonizadores, cuja função é evitar o florescimento singular do continente. Portanto é necessário que haja outras políticas que vão dar seguimento a processos de descolonização do continente e partir daí demonstrar que os próprios africanos são capazes de narrar as suas próprias fábulas em uma linguagem e voz que não podem ser imitadas, porque são verdadeiramente suas. Desta mesma linha, Asante afirma também estar comprometido com a noção de que os africanos devem ser vistos como agentes em termos econômicos, culturais, políticos e sociais. Mas para que isso aconteça é necessário que haja uma mobilidade de todos os agentes africanos dentro e fora do continente.

Considerado como maior africanólogo brasileiro Alberto Costa e Silva defendeu brevemente que “temos de estudar o continente africano não como um capítulo à parte, um gueto. A história da África está incorporada à história do mundo, porque ela foi parte e é parte da história do mundo. Que a história do negro no Brasil não seja isolada, como se o negro tivesse sido um marginal. O negro foi essencial na formação do Brasil”, essa entrevista foi concedida pela BBC Brasil.¹¹

¹¹ Entrevista concebida a Fernanda da Escóssia do Rio de Janeiro para BBC Brasil, em 20 de janeiro de 2016 onde ALBERTO COSTA e Silva defende que os decedentes dos africanos precisam saber que a história africana é tão bonito quanto a da Grácia.

3.3 O QUE ESPERAR DA AFROCENTRICIDADE

Espera-se que as experiências africanas possam ser estudadas do ponto de vista africano. E que localize geograficamente dentro da África e que o pensamento africano não seja Oriental e muito menos Ocidental, espera-se que ela discuta os valores africanos. Afrocentricidade como paradigma em movimento, significa que o avanço do pensamento eurocêntrico não deve ser visto como único e universal, mas também apresentar que existe outras formas e concepções das realidades, com a finalidade de relegar outras formas alternativas de ver os fatos e nada mais que a “invasão” do terreno acadêmico. Asante fala de afrocentricidade como a maneira de restaurar a autoconsciência e/ou humanidade africana. Para atingir plenamente essa missão, deve-se contestar o paradigma eurocêntrico dominante. Segundo o mesmo o primeiro item a ser confrontado é a natureza do conhecimento. Desse modo, um (a) intelectual afrocentrista pretende manter as experiências africanas e afro-diáspóricas dentro, e no centro da sua própria realidade histórica.

Os Intelectuais afrocentristas entendem que nunca se deve desconsiderar o território dos narradores (as) de teorias e sistemas de pensamento e que, no caso de pessoas africanas/afrodiáspóricas¹². Isso exige de nós “africanos e afro-diáspóricos”, estarmos localizados no centro das nossas histórias, a partir desta perspectiva, as novas narrativas vão justamente descartar a noção de que a história dos povos africanos/afro-diaspóricos deve ser relatada a partir do projeto de escravização da modernidade europeia impetrado entre os séculos XV e XIX. Essa postura de não pensar a partir de referências extrínsecas à sua cultura é muito importante em todas as análises da história da humanidade, mas é especialmente significativa quando se trata de examinar ideias, atividades, trajetórias e produções de povos africanos/afro-diaspóricos. Conforme Asante, É preciso que uma pesquisa afrocêntrica identifique perspectivas africanas como centros num processo de investigação. Para ele, toda narrativa vem de um lugar, todo saber é uma perspectiva, e o que importa aos afrocentristas é buscar a posição dos investigadores (a), ou dos africanos ou africanas dentro do processo histórico. Para que isso aconteça precisamos de seguir em frente, portanto, “seguir em frente se queremos reanimar a vida do espírito na África e, por consequência, as possibilidades de uma arte, de

¹² Renato Nogueira, Introdução a afrocentricidade.

uma filosofia, de uma estética que possam dizer algo de novo e de significativa ao mundo em geral (MBEMBE, 2014) ”.

3.4 FILOSOFIA VERSUS ÁFRICA

Fato do recentramento no lugar africano tem como uma das suas consequências questionar a própria filosofia como propriedade exclusiva do Ocidente. Pois bem, Esse é um dos pontos que merecerá, de agora em diante, nossa especial preocupação analítica, portanto seria preciso dizer que encontramos teorias que se referenciam as filosofias africanas, mas nesse momento utilizamos o texto de Asante que discute sobre origem africana da filosofia.

A tese afrocêntrica é bastante clara a esse respeito. Com efeito, na perspectiva de Molefi Asante, e na esteira de teóricos africanos como Diop, a filosofia teria-se originado no antigo Egito, Asante sustenta que “a filosofia começou 2800 anos antes do aparecimento de Tales de Mileto, considerado como primeiro filósofo ocidental” (ASANTE, 2014. p. 5). O argumento de Asante para defender tal tese passa pela própria etimologia da palavra "Filosofia", porque segundo ele, esta palavra não está na língua grega. “De acordo com dicionários de etimologia grega, a origem dessa palavra é desconhecida” (ASANTE, 2014, p. 2). Diz ele, a maioria dos europeus que se escrevem livros sobre etimologia, não consideram as línguas africanas até chegar a conclusão de que a palavra é conhecida ou desconhecida. Eles nunca pensam que um termo usado por uma língua europeia pode ter vindo da África.

Obviamente, muitos gregos que aprenderam filosofia aventuraram-se na África para estudar. Eles vieram por muitas razões intelectuais. Pode-se ver que os gregos apreciaram o fatode que no Egito existiam homens e mulheres de grande habilidade e conhecimento, assim como os antigos egípcios apreciavam o fato de que havia homens e mulheres de maior conhecimento na Etiópia. (ASANTE, 2014, p. 3).

Conformo tivemos a ocasião de analisar acima, a partir dos autores estudados, haveria um sistema a desfavor e dúvida sobre a história, experiência e

conhecimento dos povos africanos, criado durante o processo da dominação europeia.

A retórica que nega a capacidade da África foi desenvolvida para acompanhar a desapropriação da filosofia como um elemento cultural africana.

Com respeito à literatura, à história, à economia e ao comportamento africano, os autores eurocêntricos sempre colocaram a África em um lugar inferior em relação a qualquer campo de pesquisa numa deliberada falsificação do registro histórico, o mesmo o trata de uma das maiores conspirações da história mundial” (ASANTE, 2009. p., 99).

Na perspectiva afrocentrica filosofia não consiste em único sentido e com uma forma somente de produzi-la. Diante disso, é importante que seja apresentada a partir da compreensão dos filósofos africanos que vai justamente contrapor-se a concepção eurocêntrica que sustenta a filosofia como uma produção europeia com origens gregas.

Portanto pelo que analisamos até agora percebemos que “a noção da filosofia africana se refere à contribuição dos Africanos que praticam a filosofia. Numa perspectiva histórica, podemos entender a noção de filosofia africana a partir de sistemas de pensamento africano, considerando-os como processos dinâmicos nos quais as experiências concretas foram integradas numa ordem de conceitos e dos discursos. “Se quisermos entender como o pensamento é produzido, temos que entender quem produz esse pensamento” (OLIVEIRA, 2015). Podemos presumir que as experiência africana é diferente da europeia e deve ser vista como tal, na infusão dos currículos sobre a história e culturas África. Como diz Marcus Garvey na necessidade de olhar o mundo através de “próprios óculos”.

O objetivo de Garvey resumia no lema, “África para os africanos, no próprio no continente e no exterior, o que significa a construção de uma África unida, livre da hegemonia europeia. Para Garvey, o alvo era a conquista de conhecimento técnico, infra-estruturas e tecnologias para a África (NASCIMENTO, p. 168) .

Fanon por sua vez sustenta que ao longo dos tempos, os africanos, ou seja, os negros de forma mais geral foram subjugados na zona de não ser em uma posição de seres não pensantes. Negavam aos africanos a própria capacidade de pensar autonomamente, Tempels intitulou a sua obra *Philosophie Bantoue* afirmando claramente no próprio título (com mais coragem do que nos nossos dias se imagina) que os ditos “primitivos”, seres alegadamente “não pensantes”, tinham uma verdadeira filosofia (a forma mais elevada da expressão intelectual) com a mesma dignidade que a filosofia aristotélico-tomista do ocidente, o que escandalizou sectores mais conservadores europeus desse tempo (TORRES, 2013, p.5). Trata-se para Tempels de reabilitar o homem negro na sua cultura, preconceito que ambos tinham sido até aí vítimas, de mesma forma que os teóricos afrocentristas tentam fazer com os africanos e afro-diaspóricos e como pudemos encontrar no livro de Farias Morais tais afirmações Segundo os quais:

As teorias afrocentricas e eurocentricas se resumem de lado a lado, para comparação, ao que ela chama de “a narrativa afrocêntrica” e “a narrativa eurocêntrica” da história da Antiguidade. Esse procedimento tem um grave defeito no nosso entender: na pressa de refutar o afrocentrismo, reproduz exatamente a polarização artificial e essencialista proclamada por muitos intelectuais afrocêntricos “afrocentrismo” versus “eurocentrismo”, como se nada existisse fora dessa oposição, e como se estivessemos todos obrigados a ser ou “eurocêntricos” ou “afrocêntricos”, (FARIAS; 2003, p. 325).

Importante dizer que afrocentricidade reconhece o eurocentrismo, mas apenas como uma voz entre as outras vozes, não como uma perspectiva universal para compreender a realidade. Ainda é totalmente impossível discutir afrocentricidade sem lidar com o eurocentrismo. Isto não deve, no entanto, ser visto como "o afrocentrismo é oposto ao eurocentrismo" (THOBANI, 2013, p. 2).

A ideia central de Tempels quando o mesmo pensa sobre filosofia “africana”, que a ontologia bantu é essencialmente uma “teoria das forças”, noção dinâmica na qual, para o africano, “o ser é força”, não apenas no sentido de que ele possui a “força” (porque isso queria dizer que esta é um atributo do ser) mas no sentido de que ele é força na sua própria essência. Como Tempels escreve, “o ser é força, a força é ser (...), onde nós pensamos o conceito de ‘ser’, eles servem-se do conceito de ‘força’” (MORAIS, 2003, p. 6-7). Contudo, entendemos que Tempels escreveu

esse livro para mostrar que existe as práticas filosóficas existe nessa sociedade “Bantu” africana. A filosofia bantu que foi desenvolvida na África e sua compreensão deve se dar através do conhecimento da vida africana. Para compreendermos os sistemas de pensamento e de crenças das sociedades africanas, devemos ter sempre em mente a dinâmica tradição-modernidade, e, como fizemos com respeito à arte, relativizar o que pertenceu ao passado e o que sob forma, permanece no presente.

Cada cultura africana tinha, antes da ruptura social, sua forma de conceber o mundo, de explicar suas origens e formular o que lhes convém, conforme mostram os mitos e lendas, bem como o discurso das pessoas mais antigas, que viveram antes e durante a situação colonial. Isso demonstra a grande diversidade cultural de formas e estilos na arte tradicional (SALUM,, 2006).

A autora seguiu dizendo que apesar disso, no plano filosófico, podemos assimilar um aspecto que dá unidade aos povos da África tradicional: o indivíduo é considerado vivo porque tem um ascendente (é filho, neto de alguém), e quem vai garantir a finalidade e memória de sua vida e existência é a perspectiva de seu descendente “teu futuro filho”. Portanto a noção de morte está concretamente ligada à vida: morrer significa não procriar. Sem filhos, a linhagem familiar se extingue – vida e morte são apenas biológicas, mas sociais principalmente. A existência do indivíduo se traduz através do seu ser estar “o que implica em tempo e espaço ou lugar” no mundo, através do cotidiano, no trabalho ou no lazer, sempre conectado ao universo social.

Por fim, a afrocentricidade, possivelmente nos ajudará a corrigir muitos erros em nossas análises e superar todas as as visões distorcidas e brutalizadas de nossa própria libertação, A afrocentricidade deve ser vista como um processo de descolonização dos povos africanos, mas que passa pela via de restauração das agências africanas a fim alcançar as suas estabilidades.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi descrever a afrocentricidade como um paradigma no âmbito acadêmico. Como pudemos ver ao longo do trabalho, o paradigma afrocêntrico está mais preocupado com a apresentação da África e com o estudo das questões africanas, fenômenos, personalidades, eventos e entre outros, a partir da perspectiva africana. Tal Paradigma está proporcionando aos africanos documentar e/ou narrar sua própria história conforme seu próprio ponto de vista. Como sustenta o MGLONGO, "A aplicação da afrocentricidade não tem o intuito de se opor a qualquer paradigma, seja o eurocentrismo, o asiocentrismo, ou qualquer outro, mas apenas tem interesse em empoderar os africanos para serem os agentes de sua própria história" (Thobani, 2013, p. 10). Afrocentristas reconhecem que esse Paradigma é simplesmente uma voz entre outras vozes. Porque é interessante levar em consideração que cada cultura tem sistema e ordens próprias de pensamento e realidade, sendo ele o que a diferencia das outras, e o que lhe dá real relevância perante a Humanidade. Para os afrocentristas é urgente prioridade dos africanos é a recuperação do seu respeito e das suas histórias.

No desenvolvimento do trabalho foram identificados os objetivos da afrocentricidade, entre os quais estão a localização ou re-localização psicológica, a autoconsciência e a centralização da África. Sem estes objetivos, a afrocentricidade não teria necessidade alguma de existir. Porque afrocentrista insiste em contestar o legado que os colonizadores deixaram na África, porque para os mesmos, os europeus abandonaram o poder colonial de 1940 em diante, mas o legado permaneceu incontestado. Portanto, o paradigma afrocêntrico procura a descolonização do setor intelectual com a finalidade de abalar outras áreas da vida. Asante (2009) adverte-nos para não vermos a afrocentricidade como um sistema de crenças religioso ou fechado. O objetivo do paradigma afrocêntrico é situar a África em uma posição central na discussão da cultura e experiência histórica africanas.

Por fim, pudemos entender que, afrocentricidade como paradigma nos ensina que nós, negros, precisamos construir nossas próprias instituições independentes e progressistas, consolidar nossa coesão e força política, reconstruindo e fortalecendo a nossa comunidade para podermos sobreviver. Além disso, a longo termo, necessitamos criar nossas alternativas às sociedades

racistas, na forma de uma comunidade saudável sem as distorções inerentes à dominação de origem europeia.

REFERÊNCIAS

ASANTE, Molefi: **Afrocentricidade**. Tradução Renato Nogueira, Universidade federal rural rio de janeiro. 2009.

ASANTE, Molefi: **The Afrocentric Idea**. Philadelphia: Temple University Press, 1998.

ASANTE, Molefi: **uma origem africana da filosofia: Mito ou Realidade**. Tradução: Marcos Carvalho Lopes, in revista: Capoeira, 2014.

ASSIS, Eduardo - "**Literatura afro-brasileira**": um conceito em construção". *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, nº. 31. Brasília, janeiro-junho de 2008, pp. 11-23.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo; Editora 34, 2010, 3ª edição). 1992. 272p. (coleção TRANS).

DIOP, Anta Cheik, **Origem africana da civilização – mito ou realidade**, publicado em fevereiro de 2015.

FANON, Frantz. **Pele negras máscaras brancas**. Tradução de Renato de Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FARIAS, P. F. De Moraes. **Afrocentrismo: entre uma contranarrativa histórica universalista e o relativismo cultural**. Publicado por, *Afro-Ásia*, 29/30 (2003), 317-343.

FIGUEIREDO, Baqueiro Fábio: **História da África - Módulo1**. Salvador: programa cor da Bahia, 2013.

Freire, P. 1996. **Pedagogia do Oprimido**. Londres: Penguin Books.

FOLSCHEID, Dominique & WUNENBURGUER, Jean-Jacques. **Metodologia Filosófica**; tradução de Paulo Neves, - 3 ed. -são paulo: Martins fortes 2006.

HOUNTONDJI, Paulin, **Conhecimento de África, conhecimento de Africanos: Duas perspectivas sobre os Estudos Africanos**, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 80, Março 2008: 149-160.

KAGAME, Alexis: **La philosophie bantue comparée**. 1976.

KI-ZERBO, J. **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África**. 2. Ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010.

LAMBERT DA SILVA, 2016: **uma só, ou várias fontes cosmopoíticas**, Editorial, Dossiê de territórios ano 3, n6, 2016.

LOPES, Carlos: **“A Pirâmide Invertida - historiografia africana feita por africanos”**. In Actas do Colóquio Construção e ensino da história da África. Lisboa: Linopazes, 1995. In revista Ecos de história.

MACEDO, José Rivair: **Problematizando a idade média/Alvaro Mendes Ferreira (org)** – Niterói: Ed. UFF/PPGHISTÓRIA, 2014, 307 PÁGINA.

MBEMBE, Achille: **Afropolitanismo**, Áskesis Iv.4In21|junho-sdezembro-2015:68-67 (tradução de Cleber Daniel Lambert da Silva).

MBEMBE, Achille: **Sair da grande noite**. Ensaio sobre a África descolonizada. Edição pedagogo e Mulemba, Luanda, 2014.

MBEMBE, Achille, **“As formas africanas de auto-inscrição”**. *Por: Estudos Afro-Asiáticos, Ano 23, nº 1, 2001, pp. 171-209.*

MBEMBE, Achille, **“O mundo em estado de sítio”**, in revista: Mutamba, jornal novo. 2014.

MHLONGO, Thobani: **AFROCENTRICIDADE: Nova Análise da Agencia Africana**, tradução:Lana Vitoriano, 2013.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **“Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora – Coleção Sankofa 4”**, São Paulo: Selo Negro, 2009. (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira);

NOGUEIRA, Renato Jr: **“Ensino de Filosofia e a Lei 10639/03: criação de conceitos a partir da afrocentricidade como plano de imanência”**, in Revista África e Africanidades – Ano3, n.11 novembro, 2010.

OLIVEIRA, Eduardo – **Filosofia da Ancestralidade como Filosofia Africana: Educação e Cultura Afro-brasileira**. In Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação – RESAFE, 2012.

SALUM, Marta Heloisa Leuba. África: **Cultura e Sociedades**, da série **formas de humanidades**, do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, Escrito em Janeiro de 1999 e revisado adaptado em julho de 2005 para publicação no site

(http://www.arteafricana.usp.br/codigos/textos_didaticos/002/africa_culturas_e_sociedades.html)

SOUZA, Boaventura & MENEZES, Paula: **Epistemologias do Sul (org)**. Coimbra, Editora: Almedina S.a. 2009.

TORRES, Adelino, "**Filosofia africana e desenvolvimento**", Síntese de algumas reflexões preliminares apresentadas na Academia das Ciências de Lisboa em 8 de Janeiro de 2013.

TORRES, Nelson M. "**A Topologia do Ser e Geopolítica do Conhecimento, Modernidade, Império e Colonialidade**". In. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 80. Março: 71-114.